

Dívida não preocupa FIESP

São Paulo — Os empresários e economistas que integram o Conselho Superior de Economia da Fundação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), em sua primeira reunião deste ano, disseram ontem que a balança comercial e a dívida externa já não preocupam o governo brasileiro. "Pelo que sentimos, o problema da dívida externa já está equacionado e o saldo da balança deve chegar, no mínimo, a US\$ 10 bilhões ou US\$ 10,5 bilhões, e talvez até repetir os US\$ 12 bilhões do ano passado", comentou o presidente do conselho, e da própria FIESP, Luis Eulálio de Bueno Vidigal Filho.

O presidente do BCN e vice-presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Pedro Conde, considera como principal vantagem "o fato de o Brasil não sofrer o monitoramento do FMI para a gestão de sua política econômica", entendendo que "as autoridades econômicas conduziram

muito bem esse processo de renegociação". É a mesma opinião do vice-presidente da FIESP e presidente do grupo Bardella, Cláudio Bardella, para quem "pela primeira vez uma equipe de governo agiu com competência nessa questão". Segundo ele, "o principal mérito foi alterar a base das taxas de juros, da prime rate para a libor, o que possibilitará ao Brasil ter um ganho imediato de 1% sobre o valor da dívida".

O ex-presidente do Banco Central e que retornou ontem à condição de integrante do Conselho Superior de Economia da FIESP, Afonso Celso Pastore, disse que o plano de negociação da dívida externa ainda não foi detalhado e, por isso, o Brasil ainda não fechou acordo com os credores. Pastore disse que a fase mais difícil desse processo começa em março, quando haverá uma definição das questões do acordo, como o spread e o prazo de carência.